

“É MUITO DIFÍCIL LARGAR UM POEMA NO MUNDO”: ENTREVISTA COM A POETA CATARINA NUNES DE ALMEIDA

http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p21-28*

Por Virgínia Boechat¹

Catarina Nunes de Almeida é uma novíssima poeta portuguesa. Nascida em Lisboa, em 1982, conta com dois livros de poesia já publicados, *Prefloração*, de 2006, e *A metamorfose das plantas dos pés*, de 2008, além de um terceiro em vias de sair, previsto para 2010. Foi contemplada, em 2006, com o Prêmio Daniel Faria e com o Prêmio PEN Clube Português para Primeira Obra. Atualmente desenvolve uma tese de Doutorado acerca de relações entre a poesia portuguesa do século XX e as estéticas orientais. A presente entrevista foi realizada pessoalmente, em Lisboa, em 30 de setembro de 2009.¹

* Publicada originalmente na revista *Desassossego*, v. 1, n. 2, dez/2009:
<https://www.revistas.usp.br/desassossego/issue/view/3942>

DOI original: <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v1i2p229-235>

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

¹ Como a conversa foi transcrita, mantiveram-se as normas ortográficas do Português vigentes no Brasil.

VIRGÍNIA BOECHAT: O seu primeiro livro, *Prefloração*, apresenta elementos que me chamam a atenção, as epígrafes com versos de poetas japoneses, como Bashô, também os títulos das quatro partes em que está dividido, “Semente”, “Elogio da Luz”, “Elogio da Sombra” e “Flor”, além de imagens como “O meu corpo é um caule sem chão nem raiz/ só de patas; (...). Isso tudo me leva a pensar na busca, ali, de uma determinada relação com a natureza, por um lado, e, por outro, na influência que a pesquisa de doutorado pode exercer sobre a sua poesia. Você reconhece, de fato, essas vertentes sobre a sua poesia? Como você percebe a intensidade de cada uma?

CATARINA NUNES DE ALMEIDA: Sim, sobretudo a pesquisa do Doutoramento foi importante para esse livro, embora eu ainda não estivesse a trabalhar já, digamos, de forma consciente para a Tese, eu já estava a rondar esses temas. A organização do livro acaba por ir buscar também muito à organização das coletâneas clássicas orientais, japonesas e chinesas, embora estas se organizassem geralmente segundo uma temática sazonal, ou seja, os poemas distribuíam-se por estações do ano. Aqui, também tentei dar uma dimensão cíclica. De fato, o livro começa com as sementes e vai por aí para, até à flor, embora tudo isso aliado ao próprio ciclo feminino; temos a criação de uma flor e também, metaforicamente, a criação de um sujeito feminino.

VB: Você falou agora do ciclo, o que é interessante, porque lembro que esse livro tem uma organização muito rígida do número de poemas, são 8, 10, 10 e 8. Tem um espelhamento e tem um ciclo mesmo, o primeiro poema toca o último, os dois falam da primeira noite.

CNA: Exatamente. Nisso sem dúvida foram os orientais que me ‘orientaram’ [risos], e me deram o rigor nas escolhas.

VB: *Prefloração* também traz uma epígrafe de Huidobro e nos poemas, assim como nos do segundo livro, ecoam versos e imagens de outros poetas. Quais você citaria como uma consciente influência na sua produção?

CNA: No primeiro livro... talvez aqueles que eu citaria, embora não sejam tão evidentes assim à primeira vista, são os poetas que eu lia muito naquela altura. Bem, era o Rilke, eram os orientais, sobretudo os poetas japoneses do haiku, e o Alberto Caeiro, o Ramos Rosa, o Eugénio, que deve acompanhar a adolescência de muitos jovens poetas portugueses. Havia também, sim, poetas latino-americanos, havia mesmo o Octavio Paz, que eu lia muito. É um livro escrito um pouco naquela fase da adolescência, porque o fui escrevendo ao longo de anos e só resolvi publicar naquela altura. Assim, há alguns autores que fazem parte de uma educação, sobretudo sexual, que ali estão, como o Neruda, o Paul Éluard, por exemplo. O que me estou a lembrar ainda é, por exemplo, do Mário de Sá-Carneiro; há um poema, o "Meta", que dedico mesmo ao Sá-Carneiro. Há um certo verso em que ele diz "Vêm-me saudades de ter sido Deus", e eu começo o meu poema exatamente por aqui: "Não me vêm saudades de ter sido Deus".

No caso d'A *Metamorfose das Plantas dos Pés*, já existe uma recuperação mais aberta, um dialogar com alguns poetas. Há um poema em que vou ao encontro de Ricardo Reis, daquele poema que repete o "desenlacemos as mãos, Lídia". Eu prossigo com "lancemos estas mãos ao mar".² E depois, mais uma vez, há muito do universo rilkeano, aliás a epígrafe é do Rilke. E há, de fato, muitos outros autores que entram. Eu não consigo deixar de ler o próprio Daniel Faria, por exemplo, e não só, também a Luiza Neto Jorge, entra muito ali, também a Maria Teresa Horta. Eu gosto muito das poetas que não tiveram pudor nem constrangimentos por serem mulheres nos seus poemas, e que se deixaram guiar por aquele 'diamantezinho' feminino que tinham dentro delas.

VB: A próxima pergunta era "o que você lê, como leitora?", mas acho que talvez você até já a tenha respondido...

CNA: Sim, mais ou menos. Aí temos que falar da nossa conversa de ontem³, porque tenho que dizer que leio também, por exemplo, brasileiros; a Clarice Lispector, a partir de certa altura, tornou-se uma referência essencial. Mas não só... depois, outros autores, por exemplo, de romance,

² O poema referido é "Bendito sejas tu, Nero, entre os pássaros.", em *A metamorfose das plantas dos pés*.

³ A tal conversa da véspera teve como assunto a própria Clarice Lispector, entre outros autores brasileiros.

os contemporâneos; gosto muito do Enrique Vila-Matas – não sei se tu conheces – é um autor espanhol. Gosto sempre tanto dos japoneses, do Kawabata ou do Tanizaki. Tento ler, o mais possível, os autores portugueses da minha geração; é o caso do valter hugo mãe, que tem escrito romances exemplares. Dentro da novíssima poesia portuguesa, prefiro não nomear ninguém, porque pela notável qualidade a lista acabaria infindável, mas é um leque que me agrada abrir cada vez mais. Pensar em autores é muito difícil, porque a pessoa lê tanta coisa...

VB: Você pensa agora em outras artes que de alguma forma a influenciam?

CNA: Sim, o próprio cinema. Quando eu estive em Itália, nos primeiros tempos, eu tinha um companheiro lá, vivíamos juntos. Ele trabalhava em cinema, era realizador, e acho que acabou por ser ele a fazer despertar em mim uma atenção visual aguda. Na verdade, eu já a tinha, porque era uma pessoa observadora e tudo mais, mas ficou ainda mais exaltada desde que estive a viver com ele, isto é, com alguém que abordava a paisagem humana a partir de um ponto de vista cinematográfico. Também a própria vivência italiana apela muito mais aos sentidos. Portugal é mais... vá lá... passivo... ali é tudo muito passional e inconstante, está sempre a acontecer, sobretudo em Nápoles, a vida é um grande teatro. Depois, o próprio teatro não deixou, de certo modo, de influenciar um pouco a minha passagem pela escrita. E eu penso que fora da poesia – que é onde eu me sinto em casa – a casa emprestada onde eu poderia um dia arriscar a escrever talvez fosse o teatro. E, claro, há sempre a música, a pintura, podia ir também por aí. A pintura, sobretudo, também ligada à Itália, começou a ter uma presença muito forte na minha vida, sobretudo em dias que simplesmente falham as palavras. Às vezes até me apetece responder a determinadas perguntas com quadros; por exemplo, perguntas que me fazem sobre “qual é a musica que ouço”, às vezes, apetecia-me responder apenas com um quadro; por exemplo, uma paisagem de Hiroshige, onde se ouve tanta coisa.

VB: Nesses seus dois primeiros livros, é possível identificar uma constante releitura da tradição literária portuguesa, principalmente através de uma abordagem transferida ao campo do erotismo. Como é lidar, como poeta, com o peso de uma tradição poética imensa como essa? É um peso?

CNA: Não é exatamente um peso. É um grande ensinamento, isso é. Talvez seja uma sensação semelhante, por exemplo, à de uma criança que nasce e que tem um avô que foi um grande realizador, ou um grande músico; depois essa criança quer seguir a mesma área, quer ser um grande realizador, ou um grande músico, e tem sempre a sensação de estar à sombra do trabalho do avô. Pode ser semelhante a isso. Nós aqui em Portugal, ao contrário de outros países, que também têm uma tradição poética bastante intensa e importante, vive-se a poesia de forma séria, com responsabilidade, eu acho que isso é um ponto muito positivo. Nós levamos muito a sério a poesia, com muito respeito mesmo, e de fato os poetas para nós são mitos; são quase... não sei... quase mitos *pop* [risos], até reconhecemos o rosto deles quase como um ícone. Vocês também têm alguns... têm o caso, por exemplo, da Clarice Lispector, que foi uma mulher de uma beleza intrigante, com um certo mistério hollywoodesco. Tal como entre nós, também, o rosto de Camões se tornou um ícone, com aquele olho que não está lá; traços que dão a essas figuras uma aura de singularidade e de imortalidade que se destaca da própria escrita. Eles existem assim como qualquer coisa de familiar e ao mesmo tempo irreal, como personagens lendárias, a pairar na nossa memória cultural. Por outro lado, o fato de eles estarem conosco desde a infância, dá uma grande formação aos jovens que já terão alguma predisposição para sentirem as coisas de forma poética. Mas, sim, são grandes professores os poetas que trazemos conosco já há séculos. Assustam um ‘bocadinho’ [risos].

VB: Há um poema no seu segundo livro, *A metamorfose das plantas dos pés*, em que a imagem do filho é constituída como a de um *musgo* informe que “Tinha feições humanas/ era um musgo trágico-marítimo/ um musgo para o mundo triste”. Você vê alguma possível relação entre essa *criança-criatura* e a própria condição de ser e entender-se como português na atualidade?

CNA: É uma boa pergunta [risos]. Eu, por acaso, já não sei se acredito tanto nessa imagem do português associado a um certo espírito triste. Existe sempre uma melancolia inerente aos portugueses, sim, isso sim, que está na própria paisagem até, na própria desertificação; e também ao mar nós podemos associar esse tipo de sentimento, de melancolia, de tristeza. Em relação a esse poema, em concreto, fui levantar muitas questões que me visitam, de vez em quando, enquanto mulher. Aqui talvez seja o primeiro poema em que eu questiono realmente a maternidade. Isso, sim, assusta-me mais, o fato de criar esse *musgo* para o mundo triste. Embora minha poesia não seja uma poesia social e, por vezes, seja até um bocadinho arredada da realidade, cria as suas fábulas – uma vez eu escrevi que é verdadeira como qualquer fábula –, mas, enfim, são questões que estão lá no inconsciente e que depois vêm acima, assim. Não sei, não penso que sejamos um povo triste, ou que ainda esteja afetado por pulsões trágico-marítimas – se é que se pode continuar a falar em termos de povo, porque estamos hoje todos uns com os outros. O que eu penso é que nós temos apetência para ser um pouco mais contidos, mais contemplativos, daí também a propensão para as temáticas orientais e para certas perspectivas mais exóticas em relação à vida.

VB: Você acha que essa criatura informe, que é um pouco humana, um pouco animal e um pouco vegetal, pode também ser identificada com a poesia? Digo isso também em relação à imagem da criação poética associada à da mãe.

CNA: Sim, sem dúvida. Eu acho. Eu ainda não sou mãe, mas penso que o ato da criação poética talvez seja o que esteja mais próximo da maternidade. Bem, podemos dizer até, talvez, o ato de criação artística em geral talvez seja o que está mais próximo. Eu posso dizer, em relação àquilo que faço e que gosto de fazer, que é escrever, que sim, está muito próximo, porque existe associado a ele esse sentimento de sofrimento, de um certo esgotamento até, quando ‘sai’ cá pra fora, no gesto de expulsão. E depois surge, ao mesmo tempo, um sentimento de proteção. É muito difícil largar um poema no mundo, como será difícil largar um filho, não é? É muito difícil colocar o nosso filho nas mãos de outras pessoas. Será que eles o vão tratar bem? Será? Nós somos protetores, instinctivamente protetores

com a nossa cria e temos medo que ela não seja bem compreendida, ou que ela não seja... enfim, é semelhante, muito semelhante.

No meu caso, o meu 'laboratório poético' acaba por ser até bastante longo. Às vezes converso com outros amigos poetas e vejo que existe um pouco de tudo. Existem os poetas que escrevem por impulso e depois da 'expulsão' pouco mexem nos poemas, aquilo que sai é aquilo que mais ou menos resiste até o fim. No meu caso, é um trabalho um pouco mais longo, por isso mesmo até associo mais à maternidade, porque é uma espécie de *educar* o poema. Sai aquele primeiro esboço, ou seja, aquela primeira criatura, por vezes disforme e vermelhada, com o cordão umbilical ainda preso [risos], que depois, aos poucos, eu vou lavando. Não sei, é ir ensinando as primeiras letras ao poema; ir-lhe dando algum alimento mais. É assim que eu gosto de trabalhar.

VB: Sei que você tem projetos de futuros livros, porque já chegamos a conversar sobre o assunto, mas você gostaria de falar um pouco do livro que vai ser publicado em 2010?

CNA: Sim, até porque agora já é uma coisa mais definida. Eu vou abandonar, não sei se por muito ou por pouco tempo, ou se pra sempre, mas vou abandonar a temática que estava presente nesses dois primeiros livros. Aliás, já me chegaram a perguntar se eu preparava uma trilogia, se ficava assim uma espécie de *Senhor dos anéis* [risos] ou *das flores nos anéis* [risos]. Mas vou abandonar. Há pouco falamos em relação à tradição da poesia portuguesa, a longa tradição; eu resolvi, de fato, visitá-la. Esse terceiro livro conta muito com aquilo que fui retirar à poesia medieval portuguesa, à poesia trovadoresca e palaciana. Fui retirar não só em termos temáticos, da atmosfera daquelas composições, mas, mesmo em termos de linguagem, apeteceu-me recriar a partir daquele português que estava em 'bruto', que ainda era o galego-português. Sobretudo porque alguns daqueles versos, trazidos para a poesia de hoje, embora causem muita estranheza, constituem uma maravilhosa subversão, um verdadeiro desafio para a língua, para os jogos rítmicos. É, no fundo, digamos, a reinvenção de um português primitivo. E em alguns casos vou-me mesmo reapropriar dos versos e colocá-los no meio dos poemas, poemas que dão total privilégio à música. Talvez, até, venha a ser um livro para ser dançado, mais do que para ser lido. Procuro ir buscar tudo aquilo que me

deu a poesia medieval, aliada ainda à perspectiva simbolista verlainiana, da poesia como música. Essencialmente, é isso. Depois haverá também, e disto eu me não consigo mesmo despir, uma respiração que é necessariamente feminina. De fato, é o meu ‘diamante’ feminino que me impele para a escrita, por isso, o sujeito feminino continua a ser central. É a partir dele que o erotismo se depura e adquire perspectiva. Vai ser um livro bastante feminino, embora mais humano do que vegetal.

Licença: 

Concepção e realização da entrevista:

Virgínia Boechat

Professora e poeta. Doutora egressa do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Contato: virginiaboechat@gmail.com